

## ***FEDERALISMO EM XEQUE?***

---

**ADHEMAR FERREIRA MACIEL\***

*Juiz do Tribunal Regional Federal da 1ª Região*

Depois de dizer em seu art. 1º que a Iugoslávia é uma "República Socialista Federativa" (nome do Estado), a Constituição de 1974, em seu art. 2º, relaciona as seis "Repúblicas" da Federação ("República" equivale a nosso "Estado-Membro"): Bósnia-Herzegovina, Eslovênia, Macedônia, Croácia, Montenegro e Sérvia. Essa última unidade federada - a Sérvia – compreende, por seu turno, duas Províncias Autônomas: Voivodina e Kosovo.

Pois bem, agora os jornais do mundo inteiro noticiam que a Iugoslávia está a pique de implodir, de se esfacelar como Estado federal. A Eslovênia, unidade que se acha ao noroeste do país, deu prazo até 26 de junho para que as outras co-irmãs resolvam se querem ou não permanecer como "Repúblicas federadas". Seu povo, através de consulta plebiscitária, realizada em 23 de dezembro do ano passado, já decidiu, por maioria esmagadora (90%), que não mais integrará a Federação. Será um Estado, vale dizer, disporá de soberania. O presidente da República da Croácia também já advertiu que se a Eslovênia se separar, sua república seguirá seu exemplo.

Este mesmo fenômeno político-jurídico está rondando outros Estados socialistas. É o caso de algumas das 15 Repúblicas da União Soviética, como a Rússia, a Ucrânia e a Bielorrússia.

No Brasil mesmo, vez por outra, como aconteceu recentemente em entrevista do procurador-geral da República ao "Jornal do Brasil" (31/03/91), coloca-se em xeque nosso federalismo.

Estaria a federação como forma de Estado, nas últimas? Já deu o que tinha de dar? Não creio que o Estado federal esteja no fim. Ao contrário, está em constante evolução.

É certo, como ensina Pablo Lucas Verdú (Manual de D. Político), que uma organização federal construída só sob a técnica de distribuição de competências carece de sentido. É preciso certo tempero ideológico. No caso dos Estados comunistas a ideologia se baseou na imposição, na força. Agora que a força falta, o fator ideológico enfraquece e a federação tende a desagregar-se. Curiosamente, Karl Loewenstein, em sua "Teoria da Constituição" (**Verfassungslehre**) chama a atenção do porquê da preferência que se tem pelo Estado federal: a possibilidade de preservação das diversas diferenças culturais, o que seria praticamente impossível no Estado unitário.

Como se sabe, a Federação é criação do gênio norte-americano. Nasceu em 1787, com o abandono dos "Artigos da Confederação" e criação de forma nova de Estado. Cada uma das antigas colônias inglesas se transformou em um Estado. A lei do pacto não seria mais um "Tratado Internacional", que é flexível por natureza, facilmente denunciável. A lei do pacto político passou a ser uma "Constituição", dificilmente modificável, rígida, com instrumento capaz de abortar qualquer idéia separatista. O modelo de Estado federal americano se espalhou pelo mundo inteiro, com modificações. Novas técnicas de separação das competências entre as entidades federadas e central foram feitas. Assim se deu com o Brasil, com a Argentina, Austrália, Suíça, Canadá, Alemanha. União Soviética etc.

À evidência, a Federação estadunidense de hoje não é mais aquela da época da promulgação da Constituição, há mais de 200 anos. A Constituição americana é mais fruto de interpretação da Suprema Corte. E os primeiros grandes "Justices" foram federalistas. John Marshall, ao longo de seus 34 anos à frente da Suprema Corte, desenvolveu a teoria dos

"poderes implícitos" da União, fortalecendo o governo central. Isso não bastou para evitar, como mostra a História, a rebelião de alguns Estados-membros sulistas na época de Lincoln. Arrebentou uma guerra civil, finalmente sufixada, que pôs em perigo a Federação norte-americana. Mas, diferentemente dos Estados socialistas, a União americana se fundou no liberalismo. Por outro lado, lá não havia, como no caso da Iugoslávia, etnias, línguas e costumes diferentes, fatores de desagregação. Se o denominado "federalismo dual" já não é mais aquele de sua criação, nem por isso se pode afirmar que o federalismo esteja em extinção. Como fenômeno político está se transformando, se adaptando as necessidades de cada momento histórico.